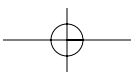
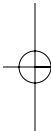
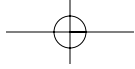


1.

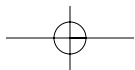
A celebração continua agora num tempo de ervas, dentro da memória, com um cavalo preso para sempre a uma floresta. O segredo mantém-se iluminado pelo fogo e os homens não sabem ainda por que adormecem as aves quando poisam livremente sobre o corpo nu. Foi a terra que encomendou a sua própria morte a um deus da água para que sobre o seu sangue nascessem violetas brancas, do tamanho das pedras sagradas. Tudo se passa num pântano, numa zona de ruído onde os bichos se devoram entre si.

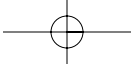




2.

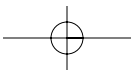
Esse deus enviou um homem com uma adaga e obrigou-o a caminhar por cima dos túmulos que estão virados para o nascente. O homem com mãos de anjo trazia um dístico mas os seus olhos eram vermelhos como as asas e nele havia uma danação. Porque os pássaros, à sua passagem, entravam numa guerra sem fim. Uma couraça cobria-lhe todo o corpo e junto aos pés via-se ganchos, pequenos pregos saídos de uma forja que se cravavam no dorso do cavalo e o obrigavam a correr mais depressa do que o vento.

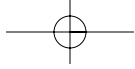




3.

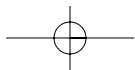
Parecia transportado por uma águia e outras vezes era ele a própria águia que voava sobre os meimendros e aterrorizava as pequenas presas do chão, levando-as para outros lugares distantes da terra. Era um homem que tinha estado deitado no enxofre. Sabia que as suas próprias asas se transformavam também em pedras, como dantes acontecia aos violadores para que expiassem a sua culpa até à morte.

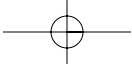




4.

Mas o homem não conseguia morrer. No seu peito habitava uma mancha incapaz de desfazer o salitre e o resto do seu corpo estava coberto de ouro, com esporas, luvas, braceletes, cotovelleiras. O seu cavalo ardia como a lua. Voava entre as árvores e sorria, vestido de um branco imortal. Era isso que lhe dava aquele furor, aquele dom assassino e fértil com que sacrificava os javalis e tudo o que mexesse sobre os campos, cabelos, gaviões, flores de cânhamo, tudo o que encontrasse espalhado pelos cálices e tivesse o cheiro do estramónio. Era um homem compreendido pelos cães.





5.

Até que se atravessou diante dele uma mulher vinda da antiguidade com um pequeno véu molhado descendo pelos ombros. Uma mulher que fugia virada para o sol e cujo brilho incendiava a vegetação inteira. Uma fera que morria subitamente com a noite e guardava as cinzas dentro de uma garrafa. Era uma mulher da Assíria, talvez da Grécia, saída de uma pira, mas não imortal como o cavalo do homem. Nem os seus pés estavam resguardados do musgo que tapava a areia das dunas. Não tinha a capa castanha do caçador, nem se lhe via os cravos espetados na pele.

